

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)

O TRABALHO COM VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andreilma Lucio Medeiros
Francisco Vieira da Silva

RESUMO: Este artigo tem como objetivo geral relatar uma experiência de trabalho com o conteúdo variação linguística na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa fundamenta-se, teoricamente, em Bagno (1999; 2007; 2009; 2015), Possenti (2001), Mollica (2003), Bortoni-Ricardo (2004; 2009), Furtado (2007), Covalchuk (2012), Moreira (2014), Silva e Villela (2016), Araújo (2019) e Dourado *et al.* (2021) e Veloso; Cortezão (2023). Metodologicamente, a pesquisa é de abordagem mista (quali-quantitativa), de campo e de objetivo descritivo-interpretativista. A intervenção foi realizada em uma escola pública do município de Caraúbas, Rio Grande do Norte, especificamente, em uma turma de IV período (oitavo e nono anos do ensino fundamental) da EJA. A geração de dados aconteceu através de um questionário de avaliação diagnóstica, aulas expositivas e atividade prática de avaliação de conhecimentos. Os resultados indicam que as intervenções tiveram um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. Notavelmente, os alunos apresentaram maior desenvolvimento durante as aulas expositivas, mas todo o processo foi fundamental para o resultado final.

Palavras-chave: Experiência de trabalho. Variação linguística. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT: This article aims to report on an experience of working with the content of linguistic variation in Youth and Adult Education (YAE). The research is theoretically based on Bagno (1999; 2007; 2009; 2015), Possenti (2001), Mollica (2003), Bortoni-Ricardo (2004; 2009), Furtado (2007), Covalchuk (2012), Moreira (2014), Silva and Villela (2016), Araújo (2019) and Dourado *et al.* (2021) and Veloso; Cortezão (2023). Methodologically, the research has a mixed approach (qualitative-quantitative), fieldwork, and descriptive-interpretative objective. The intervention was accomplished in a public school in the municipality of Caraúbas, Rio Grande do Norte, specifically in an YAE 4th-period class (eighth and ninth grade). Data were generated through a diagnostic questionnaire, lectures, and a practical activity to assess knowledge. The results indicate that the interventions had a positive impact on the students' learning. Notably, the students showed greater development during the lectures, but the whole process was fundamental to the final result.

Keywords: Work experience. Linguistic variation. Youth and Adult Education.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação Básica é constituída por três etapas: Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. No entanto, um significativo número de alunos não consegue

chegar à conclusão de todas essas etapas no tempo regular, e assim, as políticas educacionais, ao perceber essa questão, buscam tornar possível o acesso de jovens e adultos à escola.

É sabido que a educação, no todo, passa por dificuldades que necessitam de reflexão e ação efetiva. Como o engajamento da família e da comunidade com a escola, a desigualdade de acesso e a desigualdade de qualidade. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – modalidade que é objeto de estudo deste trabalho – também enfrenta alguns desafios, entre eles a dificuldade de reconhecê-la como parte integral do sistema educacional, que acarreta outros problemas como a ausência de motivação e engajamento dos alunos, o preconceito e a estigmatização da modalidade e a evasão escolar.

A EJA atende alunos de diversas idades, níveis e camadas sociais, o indivíduo inicia sua vida escolar na EJA, a partir de quinze anos no Ensino Fundamental e dezoito anos no ensino médio. Sendo que esses indivíduos, por alguma razão, não concluíram a escolaridade de forma regular. No entanto, devido aos estigmas postos pela sociedade, de forma geral, os alunos da EJA sentem-se socialmente desvalorizados e desanimados diante das atividades escolares que, por vezes, têm que ser conciliadas com as atividades do trabalho (Araújo, 2019).

Essa heterogeneidade presente na EJA, não se refere apenas aos distintos percursos educacionais e idades, mas, também, de falares, sotaques e dialetos, em que cada indivíduo carrega consigo uma maneira de falar adquirida no meio social onde vive, em sua língua materna, o que nos faz ligar diretamente ao fenômeno de variação linguística, que apesar de ser percebida em diversos contextos, pode ser identificada nesta modalidade de ensino.

Nesse contexto, dizer que a língua apresenta variação é o mesmo que dizer que a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Ela é uma atividade social empregada pelos falantes cada vez que interagem por meios da fala ou escrita (Bago, 2009). Sendo assim, independente de idade, todo e qualquer indivíduo pode perceber a variação linguística, pois ele está em contato constante com os demais usuários, nas diferentes trocas e interações sociais.

Ao frequentar a escola, a criança, o jovem ou o adulto já são usuários competentes da língua materna, mas precisam ampliar seu repertório de recursos comunicativos para que esses estejam adequados e que possam utilizar a língua bem como suas variedades linguísticas adequadamente, segundo Bortoni (2009). Com isso, podemos destacar a importância de se trabalhar a variação linguística em sala de aula, porque, a partir dela, os alunos vão adquirir mais conhecimento em relação aos usos da língua. Tal trabalho deve ser realizado nas mais diversas modalidades de ensino, planejando intervenções e fazendo as

adaptações necessárias para cada público. Portanto, a presença do estudo de variação linguística deve, também, fazer parte dos currículos das escolas que ofertam a EJA.

Dado o exposto, este artigo tem como objetivo geral relatar uma experiência de trabalho com o conteúdo variação linguística na Educação de Jovens e Adultos. Assim, temos como objetivos específicos: i) mapear os conhecimentos dos alunos sobre variação linguística e preconceito linguístico e ii) refletir sobre a importância da abordagem da variação linguística em uma turma da EJA.

Partindo desses apontamentos, a pesquisa se fundamenta teoricamente em Bagno (1999; 2007; 2009; 2015), Possenti (2001), Mollica (2003), Bortoni-Ricardo (2004; 2009), Furtado (2007), Covalchuk (2012), Moreira (2014), Silva e Villela (2016), Araújo (2019) e Dourado *et al.* (2021) Veloso; Cortezão, (2023). No que se refere à metodologia, a pesquisa é caracterizada como uma pesquisa de campo, de abordagem quali-quantitativa, de natureza aplicada e de objetivo descritivo-interpretativista (Gil, 2002). As intervenções aconteceram em uma sala de aula dos anos finais da EJA.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira seção, apresentamos nossa introdução. Na segunda seção, referente à fundamentação teórica, exploramos as teorias e estudos anteriores que embasam o artigo, abordando questões como a variação linguística e o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa. Na terceira seção, dedicada à metodologia da pesquisa, fazemos a caracterização e detalhamos os procedimentos e instrumentos de coleta e análise de dados. Na quarta seção, apresentamos a nossa análise dos dados. E, na quinta seção, fazemos algumas considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos a fundamentação teórica deste artigo. Assim, iniciamos por uma reflexão sobre o surgimento da Sociolinguística e seus principais conceitos. Em seguida, falamos sobre a teoria da variação e o preconceito linguístico, e, finalmente, fazemos uma explanação sobre a modalidade EJA no Brasil.

2.1 NOÇÕES DE SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. Ou seja, não tem como compreender a língua

sem estudar e entender seus falantes, já que é a partir dele que a língua sofre mudanças e variações. Essas mudanças acontecem com uma maior frequência quando os falantes de regiões diferentes se encontram, assim, o modo como cada um fala é acionado e a interação acontece. Desse modo, a variação na fala se espalha de região para região sem que muitas vezes os falantes tenham conhecimento dela.

Então, percebe-se que “[...] quando estamos usando a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23). Sendo assim, podemos entender que a interação entre a sociedade e a linguagem acontece, e os indivíduos que a utilizam têm a forma de falar, muitas vezes, como uma identidade e um diferencial para a comunidade onde vivem.

A língua é variável dentro da sociedade, portanto, é ser transformada. Segundo Bortoni-Ricardo (2009), a Sociolinguística reúne dois campos de interesse: “o estudo da língua e o estudo da sociedade. Tem como compromisso a luta contra todas as formas de discriminação e de exclusão social pela linguagem, porque não basta descrever e analisar as relações entre língua e sociedade – é preciso também, transformá-las” (p. 10). Essa transformação acontece com a conscientização dos indivíduos sobre o que é a variação linguística e como ela acontece. Isso pode ser trabalhado desde quando os indivíduos iniciam sua educação formal, sistematizada, hierarquizada e validada para certificar, pois nem todos os familiares têm o conhecimento do assunto e não tem como repassar esse conhecimento para os filhos.

A forma com que muitas pessoas falam sofre mudanças, principalmente a linguagem materna, que é o jeito em que falamos no convívio familiar. Essa linguagem nem sempre é bem vista perante a sociedade por ser considerada errada. Isso é comum acontecer dentro das escolas, por ser, muitas vezes, o primeiro contato que esses falantes fazem com outros falantes que não são de seu convívio diário, não raramente, essa situação aciona o preconceito linguístico, podendo ser uma das razões da evasão escolar, pois os indivíduos se sentem constrangidos e desconfortáveis com os comentários maldosos e preconceituosos, saindo desses espaços por não se sentirem acolhidos.

Na próxima seção, discutiremos sobre variação e preconceito linguístico, dois aspectos de grande relevância para o nosso estudo.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A variação linguística permeia nossos lares e vidas corriqueiramente, pois nós, falantes, usamos nossa língua de diversas formas. Alguns indivíduos não têm o conhecimento do que é a variação linguística, mas são usuários efetivos dela, e só ao entrar na escola é que a maior parcela da sociedade percebe a variação em seus falares, pois cada indivíduo vem de um lugar, nível social e convívios com pessoas diferentes.

Na escola, “ a criança, o jovem ou o adulto são usuários competentes da língua materna, mas precisam ampliar seu repertório de recursos comunicativos para que esses estejam adequados e que possam utilizar a língua bem como suas variedades linguísticas adequadamente” (Covalchuk, 2012, p. 2). Dessa forma, há diversas formas de falar e elas podem ser usadas por qualquer indivíduo, nos mais diversos lugares. Para isso, a escola precisa ensinar, mas nem sempre acontece. O que ocorre é o ensino apenas da gramática.

Para Possenti (2001, p. 34):

As diferenças que existem na língua não são casuais, há fatores que influenciam na variação. Alguns dos tipos de fatores que produzem diferenças na fala das pessoas são externos à língua. Os principais são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, etc. Pessoas que moram em lugares diferentes falam de maneiras diferentes em relação a um outro grupo que vive em outro lugar. Isso vale também para diferenças entre sexos, idades, etnias, profissões. Cada grupo assume seu dialeto, sua linguagem para se comunicar, construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada indivíduo.

Desse modo, pode-se afirmar que a língua varia constantemente e com muita rapidez, seja no trabalho, em casa ou em conversas com pessoas na rua. Cada falante utiliza a língua de acordo com suas próprias necessidades e com o contexto em que está inserido. Algo que pode exemplificar isso é o fato de pessoas que moram em regiões diferentes falarem as mesmas palavras com pronúncias diferentes ou sotaques típicos de sua região. Por exemplo: um mesmo objeto tem vários nomes a depender de sua região ou estado. São muitas as formas de falar e isso caracteriza a variação linguística.

Para os estudiosos da variação linguística (Bagno, 1999; Mollica, 2003; Possenti, 2001; Bortoni- Ricardo, 2004), nenhuma forma de falar ou dizer algo é errado, desde que haja interação e entendimento entre os falantes, isto é, que ambos os indivíduos entendam a mensagem da situação comunicativa. Já para a gramática normativa, o correto a se falar é de acordo com as regras por ela criadas.

Quando falamos em variação linguística, logo estabelecemos uma relação com o preconceito linguístico, que é bastante comum na escola, tendo em vista que cada aluno tem seu modo de falar. Isso é percebido, principalmente, quando um aluno que vem da zona rural

estuda na zona urbana, pois esse aluno traz consigo a sua bagagem linguística da língua materna, a partir do convívio com seus familiares e sua comunidade, que falam da mesma forma que ele.

Ao reconhecermos a riqueza das variações linguísticas, é fundamental também refletirmos sobre como essas diferenças podem gerar estigmas, isto é, o preconceito linguístico. De acordo com Bagno (2007, p. 40) ele é baseado “na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários”. Nesse sentido, existem muitas pessoas que acreditam que há uma única forma correta de falar. A partir dessa concepção, surge um grande número de preconceitos relacionados à fala. Assim, a vida escolar do sujeito é marcada, muitas vezes, pelos preconceitos.

De forma geral, é possível dizer que esses alunos não têm conhecimento do que é a variação linguística e acabam praticando o preconceito linguístico com os colegas. Por essa razão, é importante trabalhar esse tema desde os anos iniciais, e ensinar o aluno a respeitar as variáveis da língua falada e o valor cultural associado àquelas variáveis que, por muitas vezes, são passadas de geração em geração. Sendo trabalhado na escola desde cedo, podemos evitar maiores constrangimentos, pois, com o preconceito linguístico, os indivíduos afetados se retraem e isso acaba interferindo no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Bortoni-Ricardo (2009, p. 9), “os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”. Nesse sentido, os “erros” dos alunos podem ser compreendidos e antecipados com base na estrutura e no desenvolvimento da língua que estão aprendendo. Dessa forma, em vez de simplesmente corrigir erros de maneira pontual, é mais eficaz adotar uma abordagem que entenda esses erros como parte do processo de aprendizagem e trabalhe com os alunos para superar essas dificuldades de forma sistemática.

Nesse contexto, é importante enfatizar que a variação e o preconceito linguístico estão presentes na escola, como em qualquer ambiente, e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), esses fenômenos podem ser percebidos de forma mais acentuada, uma vez que, a modalidade caracteriza-se como multisseriada, e, portanto, é constituída por vários níveis de escolaridade, por pessoas de várias idades, diferentes condutas, etc, conseqüentemente, tem-se vários modos de falar.

A próxima subseção discute a EJA, modalidade de ensino que é objeto de estudo deste trabalho.

2.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA MODALIDADE DE ENSINO

A EJA é uma modalidade de ensino no Brasil que atende pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir (ou até mesmo iniciar) os estudos na “idade apropriada”. Ela é destinada a jovens a partir de quinze anos no Ensino Fundamental e adultos a partir de dezoito anos no Ensino Médio que, por alguma razão, não concluíram o Ensino Fundamental ou Médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a partir da lei 9.394/96, fortalece a EJA, tornando-a uma política de estado, a fim de acabar com o analfabetismo no país. Nesse contexto, a LDB (Brasil, 1996) apresenta dois artigos que estão direcionados, exclusivamente, à EJA: os artigos 37 e 38. O primeiro aponta para quem a EJA é destinada; já o segundo, refere-se à possibilidade de fazer supletivos. Vejamos, o artigo 37:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.
§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.
§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (p. 30-31).

No § 1º do artigo 37, é posto que cabe aos sistemas de ensino assegurar a gratuidade para jovens e adultos na escola. Apesar de já ser possível, ainda não há, de maneira efetiva, um interesse por uma parcela de gestão e professores na oferta dessa modalidade, possivelmente, pelas lacunas que ela dispõe, o que não justifica.

O § 2º, por sua vez, trata sobre a viabilização, a permanência e o acesso do trabalhador na escola, que é de responsabilidade do poder público. Para que isso seja efetivado de fato, tem que haver uma articulação com a escola e a empresa que o jovem/adulto trabalha, assim, a escola pode obter êxito na permanência desse aluno.

Já o § 3º destaca que a EJA deve, preferencialmente, estar articulada com a Educação Profissional, porém, isso ainda não acontece em todas as realidades.

Como mencionado, no artigo 38 da LDB é abordada a idade em que os alunos podem fazer exames supletivos:

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (p. 31).

Um dos principais pontos do artigo é a alteração da idade permitida para fazer os supletivos de conclusão da modalidade, que diminuiu de dezoito para quinze anos no Ensino Fundamental, e de vinte um para dezoito anos, no Ensino Médio. Por isso, em algumas situações, muitos indivíduos atrasam, cada vez mais, seu nível de escolaridade, para esperarem completar a idade mínima exigida pela LDB, e assim a EJA se torna uma válvula de escape para que ele termine seus anos de escolaridade em tempo reduzido (Moreira, 2014).

Nesse contexto, é importante dizer que essa modalidade atua como uma possibilidade de inclusão educacional e social, permitindo que esses indivíduos desenvolvam competências básicas e ampliem suas oportunidades no mercado de trabalho e na atuação na sociedade em geral. Apesar da EJA ser uma modalidade de ensino que leva em conta uma parcela de pessoas que são, muitas vezes, invisibilizadas, junto com ela vem diversos desafios como a evasão escolar, a falta de livro didático destinado ao público de jovens e adultos e a ausência da modalidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Logo cedo, muitos adolescentes iniciam suas atividades laborais e abandonam seus estudos. Geralmente, esses indivíduos vão à procura da EJA porque ela se torna sua maior oportunidade de conseguir concluir a Educação Básica. Já que essa modalidade é ofertada no turno noturno, é possível conciliar os estudos com o trabalho. No entanto, devido ao fato de muitos deles trabalharem em serviços pesados, chegam em casa cansados (fisicamente e mentalmente) e sem ânimo para ir à escola, e, também, por causa da falta de incentivo por parte dos familiares, há um número considerável de evasão desses alunos.

Para Furtado (2007), as causas apontadas acima são concorrentes e não exclusivas, ou seja, o abandono escolar verifica-se em razão do somatório de vários e diferentes fatores, e não, necessariamente, de um, especificamente. Detectar o problema e enfrentá-lo é a melhor maneira para proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola.

Com isso, a escola, enquanto instituição formadora, tem algumas responsabilidades, entre elas, identificar junto aos professores quais as dificuldades que o público da modalidade enfrenta dentro e fora da escola, porque isso interfere nos processos de ensino e de

aprendizagem. Assim, ela passará a contribuir para a permanência do aluno no ambiente, fazendo com que ele se sinta acolhido e tenha um maior interesse em frequentá-lo.

Conforme Silva e Villela (2016), a falta do livro e de outros recursos didáticos têm sido apontada como um dos mais sérios problemas enfrentados na modalidade. No contexto atual da EJA, o professor de cada disciplina produz seu próprio material didático para que as aulas possam acontecer e os alunos atinjam o nível de aprendizagem esperado, fazendo com que o aprendizado tenha muitas restrições.

É importante dizer também que as dificuldades presentes na EJA podem ser fruto de um sistema que, apesar de enquadrá-la como modalidade de ensino, dê indícios suficientes de que não dá a atenção necessária para o estabelecimento de uma modalidade. De acordo com Dourado *et al.* (2021) não se pode afirmar que a EJA tem a estabilidade necessária que tem as outras modalidades, pois ela está fora do próprio documento norteador da Educação Básica Brasileira, a BNCC. Porém, mesmo sem os recursos básicos de ensino, a EJA continua resistindo e formando cidadãos. Para Dourado *et al.* (2021, p. 206):

Dialogar sobre a preterição imposta pela BNCC quanto a EJA, é fundamental para consciência do que tudo isso implica e quais contextos podem ser previstos a partir desta realidade, a exemplo que, tal ausência imprime a negação de direito, e cria-se um movimento contrário as lutas e conquistas firmadas na Constituição Brasileira e na LDB/96, o que legitima a retirada da EJA do foco da educação básica e a coloca mais uma vez numa condição histórica de retrocesso, às margens periféricas do caminho.

Dessa maneira, o silenciamento da EJA na BNCC reforça a desvalorização diária que a modalidade tem recebido, e, conseqüentemente, vem, aos poucos, sendo apagada em meio às outras modalidades. Esperamos que, em uma próxima atualização do documento, a EJA seja contemplada, porque isso contribuiria para a oferta de um ensino para todos, independentemente de nível social, escolaridade, idade sexo, cor ou raça.

A próxima seção deste trabalho discute a metodologia da pesquisa, desde sua caracterização às etapas metodológicas da pesquisa.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de que se trata este estudo foi realizada em uma escola da rede pública municipal na cidade de Caraúbas, RN, mais especificamente, em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos. Nesta seção metodológica, apresentaremos a caracterização da pesquisa com base em Gil (2002) e os procedimentos utilizados na intervenção.

O tipo de abordagem utilizado para a realização da pesquisa foi a quali-quantitativa. A aliança entre os métodos qualitativos e quantitativos permite o uso mais compreensivo das pesquisas. Esse caráter duplo se dá porque estamos interessados em explorar e entender percepções, experiências e significados, mas, também, levantar dados com base em quantificações (Gil, 2002).

No que se refere ao procedimento, adotamos a pesquisa de campo, que coloca o pesquisador em contato direto com seus participantes, possibilitando um melhor aprofundamento no estudo (Gil, 2002). Em relação ao objetivo, a pesquisa tem um cunho descritivo-interpretativista, pois buscamos descrever e interpretar um determinado fenômeno dentro da sala de aula da modalidade EJA: o ensino de variação linguística. Para Gil (2002, p. 42), a pesquisa descritiva objetiva “estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc”. Ademais, a pesquisa caracteriza-se como aplicada, uma vez que ela visa contribuir diretamente com o um dado problema, buscando minimizá-lo (Gil, 2002).

Tendo isso em vista, esta pesquisa foi realizada em uma sala de aula do segundo segmento, de oitavo e nono anos, da modalidade EJA de uma escola do município de Caraúbas, RN. Após uma conversa com a direção, coordenação pedagógica e professor de Língua Portuguesa da EJA e, conseqüentemente, com a autorização da escola e a apresentação da pesquisadora à turma, bem como, a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), partimos para a intervenção. Assim, as intervenções aconteceram nas aulas de Língua Portuguesa, em cinco encontros de 1h30min cada. O quadro 1 apresenta as datas de cada um dos momentos.

Quadro 1: Datas dos momentos de intervenção

Encontro	Data
1º momento	19/08/2024
2º momento	23/08/2024
3º momento	26/08/2024
4º momento	30/08/2024
5º momento	03/09/2024

Fonte: Elaboração própria (2024)

Os cinco momentos foram organizados da seguinte maneira:

- i) Aplicação de um questionário de avaliação diagnóstica sobre variação e preconceito linguístico;
- ii) Aula expositiva sobre variação linguística;
- iii) Exposição do documentário “A brasilidade no falar”;
- iv) Aula expositiva sobre preconceito linguístico;
- v) Atividade sobre preconceito linguístico e variação linguística.

A intervenção foi realizada com oito alunos. Sendo dois deles do gênero masculino e seis do gênero feminino, com idades entre quinze e sessenta e nove anos. Após os cinco encontros, a intervenção foi encerrada. Com as cinco atividades aplicadas, partimos para a análise e a descrição e interpretação dos dados.

4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE

Com o objetivo de relatar uma experiência de trabalho com o conteúdo variação linguística na Educação de Jovens e Adultos (EJA), esta seção é destinada a realizar a discussão dos resultados obtidos por meio das observações e dos dados concedidos no estudo de campo. Os dados coletados foram realizados em cinco etapas de intervenção em sala de aula. Essas intervenções serviram como base para o andamento da pesquisa.

As etapas utilizadas para coleta de dados foram as seguintes: um questionário; um documentário abordando a variação linguística e o preconceito linguístico; aulas expositivas com significados e exemplos sobre a temática; e atividades práticas com questões que exigiam o domínio sobre o conteúdo estudado e as vivências de cada um dos participantes.

A sala de aula em que a pesquisa foi realizada é uma turma de IV período (oitavo e nono anos do ensino fundamental) da EJA. Dos dez alunos que frequentam as aulas, oito participaram das intervenções. Eles foram receptivos, aceitaram responder o questionário e as atividades com facilidade e participaram das intervenções, trazendo vários exemplos, tanto sobre variação linguística quanto sobre preconceito linguístico, levando em consideração o trabalho em sala de aula e suas vivências.

Sobre a primeira intervenção, a aplicação do questionário, os dados mostraram que, uma parcela da turma conhecia, mesmo que de forma superficial, a variação linguística, porém não souberam lembrar o que era preconceito linguístico. Isso porque verificamos que os alunos sabiam que existia uma diversidade das formas de falar no Brasil moldada através de questões sociais, regionais e contextuais (Bagno, 1999), mas não tinham conhecimento

que essa diversidade está atrelada ao preconceito linguístico, pois eles não souberam reconhecer tal fenômeno.

O questionário continha dez questões (entre elas, uma relacionada à idade, uma sobre o gênero, e outra, ao motivo pelo qual estão na EJA, aspectos importantes para o levantamento de dados de nossa pesquisa). As questões buscavam entender se eles sabiam o que era variação linguística, preconceito linguístico, a forma deles falarem em relação às outras pessoas e, inclusive, se já tinham cometido preconceito linguístico de maneira involuntária.

Uma das questões, a questão quatro, indagava o seguinte: “você sabe o que é variação linguística?” Cinco dos oito alunos responderam que conheciam esse termo, demonstrando que eles já tinham um breve conhecimento sobre a temática trabalhada. Provavelmente, reflexo de aulas dadas pelo professor regente.

A questão cinco, por sua vez, perguntava o seguinte: “como você descreveria a forma como você fala comparada à forma como as pessoas falam em outros lugares do Brasil?” Dos oito alunos, sete marcaram a alternativa que tinha a seguinte resposta: “falo um pouco diferente”. Ou seja, uma significativa parcela dos alunos entende que em cada região pode ser falado de uma forma diferente da deles, e apenas um participante respondeu que “falo de maneira bastante diferente”. Isso mostra que a forma de falar que ele conhece é bem diferente da que ele fala.

Na questão seis, que questionava se os alunos acreditavam que o uso de gírias e expressões regionais pode ser visto de forma negativa por outras pessoas, cinco alunos responderam “às vezes”, os outros três responderam “sim, frequentemente”. Por mais que as respostas sejam diferentes, ambas nos fazem afirmar que os próprios alunos já perceberem ou vivenciaram situações de preconceito linguístico, que é ainda muito presente na sociedade. Ademais, os alunos compreenderam que nem sempre essas formas de falar são bem vistas por algumas pessoas.

Já na questão oito, que indagava: “você já sentiu que alguém fez uma ideia preconceituosa sobre você por causa da forma como fala?”. Cinco participantes responderam “sim, às vezes”, dois afirmaram que nunca passaram por isso e um deles disse: “Sim, frequentemente”. A análise revela que a maioria dos alunos vivenciou o preconceito linguístico, indicando que essa prática é comum.

Na questão nove, “você sabe o que é preconceito linguístico?” Quatro participantes responderam “sim”, três responderam “não” e um respondeu “nunca ouvi falar”. Isso significa que 50% dos alunos afirmaram saber o que é preconceito linguístico, por outro lado,

uma parte dos participantes não sabiam da existência desse tipo de preconceito, por mais que esteja presente diariamente na sociedade.

Quando questionamos se os alunos já riram ou corrigiram a forma de falar de alguém, quatro responderam que sim, três responderam que não e um afirmou não lembrar. Esse resultado indica uma divisão nas atitudes dos alunos em relação ao preconceito linguístico. Quatro alunos reconheceram ter participado de situações de ridicularização ou correção, o que sugere que comportamentos discriminatórios são comuns e, possivelmente, normalizados nos contextos em que atuam. Em contraste, três alunos negaram tais ações, o que pode indicar uma maior consciência sobre a importância de respeitar as diversas formas de expressão linguística, mesmo que essa consciência seja implícita, pois isso não quer dizer que eles conheçam o fenômeno, mas que entendam, sobretudo, sobre respeitar o outro.

Após as aulas expositivas sobre variação linguística e preconceito linguístico, compreendemos que houve um aumento significativo na compreensão dos alunos sobre o assunto explorado. Além disso, percebemos algumas questões: a variação linguística anda lado a lado com o preconceito linguístico; as várias maneiras de se falar nem sempre são aceitas; essa prática vem sendo reduzida a partir do conhecimento sobre o assunto. Mas, ainda é preciso trabalhar muito essa temática para que possamos cessar com toda essa forma de preconceito, passado de geração em geração.

Ainda nas aulas expositivas, alguns deles conseguiram trazer exemplos de seus cotidianos, mostrando, assim, que eles tinham convívio com a variação e preconceito linguístico e não sabiam que se tratava da prática de preconceito linguístico. No final, nas discussões, os próprios alunos da turma chegaram a comparar o que sabiam antes e depois da explanação do assunto, percebendo que já tinham conhecimento de alguns aspectos, mas que não conseguiram assimilar no momento do questionário.

De acordo com os alunos, eles não tinham conhecimento de que se eles rissem da maneira de falar de alguém estariam cometendo preconceito linguístico. Os exemplos de variação linguística usados nas aulas expositivas ajudaram no entendimento. Quando mencionamos a variação histórica que aconteceu com o “vossa mercê”, ao longo dos anos (“vossemecê”, “vosmecê” e “você”), os alunos falaram que já tinham presenciado esses exemplos de variação nas novelas de época, que usam bastante essas expressões. Demonstrando, inclusive, um conhecimento cultural sobre o excerto.

Em uma outra etapa, após a apresentação do documentário “A brasilidade no falar¹”, que discute sobre as diferentes variações linguísticas e preconceito linguístico existentes em diversos lugares do país e do mundo, os alunos interagiram bastante sobre a abordagem. Eles conheciam vários sotaques diferentes e passaram a entender de onde vinham cada maneira de falar, contribuindo, assim, para uma maior percepção e compreensão do assunto. Nesse sentido, o documentário proporcionou aos alunos uma visão prática e visual a respeito do tema abordado, porque eles mostraram um maior engajamento e maior conhecimento das diversas formas de falar, contribuindo para o compartilhamento de vivências e colaborando com a precisão nas respostas da atividade prática.

A atividade prática respondida pelos alunos relacionada aos assuntos expostos durante as intervenções serviu como base de conhecimento para que cada participante da pesquisa desenvolvesse e respondesse sua atividade de forma que pudesse refletir sobre o que ela indagava. Durante a análise das respostas contidas na atividade prática sobre a temática abordada, notamos que os alunos tiveram dificuldade em duas das questões. A questão dois, por exemplo, que solicitava a análise da charge apresentada na figura 1, é uma delas.

Figura 1: Charge da questão 2



Fonte: Tudo na sala de aula (2024)

A questão trazia três alternativas de cunho subjetivo, organizadas em “a”, “b” e “c”. A primeira alternativa questionava qual a linguagem predomina na charge, duas pessoas disseram que era formal e três afirmaram que a charge tinha uma linguagem informal; a segunda perguntava se a forma como o personagem falava era compreensiva, e todos os participantes afirmaram que sim; a terceira, por sua vez, indagava se essa linguagem usada pelo personagem da charge poderia ser considerada correta ou não, e as respostas de todos os alunos foram mais ou menos satisfatórias: eles afirmaram que a forma de falar do

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojpLNnIB-rs>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

personagem é errada, o que, uma primeira interpretação revela uma resposta inadequada para a indagação.

No entanto, na discussão, assumiram que cada um tem sua forma de falar, e para justificar, utilizaram argumentos que muito se aproximam da compreensão de Bagno (1999), isto é, que é pertinente considerar o “valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, [...], na cor de sua pele, em seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais” (Veloso; Cortezão, 2023, p. 73).

Então, isso nos mostra que pode ter sido um erro de interpretação textual, mas, analisando a discussão, eles conseguiram captar, mesmo que de forma geral, a essência do conteúdo. Dessa maneira, é possível dizer que eles têm conhecimento da variação linguística e conseguem mobilizar exemplos, mas que ainda sentem dificuldades na interpretação de textos que tenham a presença da variação linguística, necessitando, assim, de mais aulas sobre a temática, mas, sobretudo, que as aulas sobre variação e preconceito linguístico estejam atreladas à interpretação de textos.

Nos mesmos moldes, uma outra questão solicitava a análise do texto abaixo:

Figura 2: Texto da questão 4

**NORDESTINO NÃO É RICO ELE É ESTRIBADO!
 NORDESTINO NÃO CORRE ... ELE DÁ UMAS CARREIRA!
 NORDESTINO NÃO RI ELE SE ABRE!
 NORDESTINO NÃO DÁ A VOLTA ELE ARRODEIA!
 NORDESTINO NÃO É ESPERTO ELE É DESENROLADO!
 NORDESTINO NÃO É SORTUDO ELE É CAGADO!
 NORDESTINO NÃO FAZ GOZAÇÃO ELE FRESCA!
 NORDESTINO NÃO VAI EMBORA ELE PEGA O BECO!
 NORDESTINO NÃO OUVE BARULHO, ELE OUVE ZOADA!
 NORDESTINO NÃO ABRAÇA ELE ARROCHA!
 NORDESTINO NÃO É O BOMZÃO ELE É ARRETADO!**

Fonte: Tudo na sala de aula

Os participantes não souberam identificar que todas as variantes nordestinas² mostradas no quadro cumprem sua função comunicativa quando utilizadas nos contextos adequados. Contrariamente, eles assinalaram alternativas que enfatizam o preconceito linguístico. No entanto, na discussão oral das questões, após a aplicação da atividade, percebemos que eles conseguiam abordar o assunto. Isso nos levou, mais uma vez, a identificar que eles possuem algumas lacunas na interpretação de textos.

As respostas corretas mais comuns entre os participantes sempre se relacionavam à variação linguística. Quando foi perguntado o que é variação linguística, por exemplo, das

² A escolha dessas variações presentes nas atividades práticas se deu por se tratar de expressões conhecidas na Região Nordeste, a qual a escola e os sujeitos pesquisados da EJA estão situados.

cinco pessoas que responderam o questionário final, quatro acertaram a resposta. Porém, quando mostramos exemplos em textos para a análise, os alunos tiveram muita dificuldade em interpretar e compreender o que era variação ou não. É mais um dado que acaba enfatizando o fato de eles terem o conhecimento sobre o conceito de variação linguística, mas que têm dificuldade em interpretar textos.

Isso pode ocorrer porque a variação linguística pode trazer diferentes significados, gírias ou estruturas que tornam a interpretação mais complexa. Assim, mesmo com o conhecimento da existência das variações, eles podem não conseguir aplicar esse entendimento na prática, especialmente ao se deparar com textos que usam essas variações de forma menos familiar, porque “os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão” (Bagno, 1999, p. 17).

Uma outra questão percebida foi que, alguns alunos, mesmo compreendendo o conceito de variação linguística, ainda, involuntariamente, acabam assumindo a concepção da norma culta como única possibilidade de língua. Tal concepção é reflexo do prestígio social tido sobre a variante, já que os contextos mais formais à requerem, com a escola, o contexto acadêmico e o ambiente profissional. Em vista disso, compreendemos que é necessária uma ampliação do trabalho sobre a temática com mais frequência na EJA.

Dessa maneira, as variações linguísticas devem ser trabalhadas com mais amplitude nas escolas, para que os alunos tenham mais autonomia e precisão em seus conhecimentos linguísticos, afinal, “a língua possui papel fundamental na sociedade; o ser humano está o tempo todo rodeado por ela, em suas múltiplas formas. Assim, a língua, coopera com o processo de interação do indivíduo, tornando viável a comunicação e a interação social” (Araújo, 2019, p. 30).

Ainda, os alunos interagiram e participaram de forma significativa nas perguntas relacionadas ao preconceito linguístico, trazendo, inclusive, exemplos vistos e vivenciados por eles. Eles conseguiram apontar a situação que ilustra o impacto negativo do preconceito linguístico (como solicitava a questão seis da atividade) e todos os cinco participantes acertaram a alternativa. Isso pode ser resultado da ausência de maiores discussões sobre o preconceito linguístico. Por outro lado, se pararmos para analisar bem, há inúmeras desse fenômeno na sociedade, já que ele é alimentado “em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos” (Bagno, 1999, p. 13).

Isto posto, depois de expostas as atividades, o documentário e as aulas expositivas, os alunos começaram a compreender que o assunto abordado não causava estranheza, citando, inclusive, exemplos resultado de suas próprias vivências, como mencionado anteriormente. Eles mencionaram expressões e ações usadas e praticadas por eles, familiares e conhecidos e expuseram que usavam bastante variação linguística em seu dia a dia. Citando exemplos de abreviações realizadas nas redes sociais (“vc”, “blz”, “pq”, etc) e, no que diz respeito ao preconceito linguístico, falaram que quando se deparam com pessoas de outros estados, que, geralmente, têm sotaques diferentes dos deles, acabam rindo e achando que eles falam errado. Isso nos faz remeter o que pontua Bagno (2015), quando aponta que o preconceito linguístico é invisível, pelo fato das pessoas não perceberem e não reconhecerem sua gravidade.

A análise dos resultados comprova que a intervenção foi eficaz na melhoria da compreensão dos alunos em relação à variação linguística e ao preconceito linguístico. No entanto, a etapa mais impactante foi a exposição das aulas, que facilitou o entendimento do tema e houve uma interação considerável dos alunos, pois eles deram muitos exemplos práticos sobre o conteúdo e afirmaram que passaram a compreender o uso de variação e a prática de preconceito linguístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar uma experiência de trabalho com o conteúdo variação linguística na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A discussão buscou ampliar, nos alunos da EJA, as reflexões linguísticas sobre a heterogeneidade da língua e obter um maior conhecimento sobre o preconceito linguístico, que é arraigado e perpassa de geração em geração.

Assim, concluímos que a intervenção teve um impacto positivo, com melhorias notáveis na compreensão dos alunos. Também notamos que a inclusão de mais materiais audiovisuais e atividades práticas envolvendo interpretação de textos pode promover um maior entendimento por parte dos estudantes da EJA, pois por falta de interpretação de texto, acabaram errando algumas alternativas mesmo tendo conhecimento sobre o tema abordado. Por isso, as discussões orais foram essenciais para o levantamento de resultados da nossa pesquisa. Por fim, pesquisas futuras relacionadas a esse tema podem investigar a implementação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística, como o uso de projetos interdisciplinares em sala de aula.

REFERÊNCIAS

Atividade de português – Variação linguística – 8º ao 1º Ens. Médio. Disponível em: <https://www.tudosaladeaula.com/2016/11/atividade-de-portugues-variacao.html>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

ARAÚJO, A. C. O. **Trabalhando a autoestima linguística na EJA: um trabalho a luz da pedagogia da Variação Linguística**. Uberlândia: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola: São Paulo, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. rev. e aum. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

DIETRICH, P.; LOISON, M.; ROUPNEL, M. Articular as abordagens quantitativas e qualitativas. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. **Vozes**, Petrópolis, 2015, pp. 271-282.

DOURADO, R. M. B.; et al. **Direito à Educação: A Invisibilidade da EJA na BNCC**. Itapetinga. 2021.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 27-32.

MOREIRA, V. S. **Educação de Jovens e Adultos (EJA): uma reflexão sobre o abandono escolar**. Brasília – DF Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (trabalho final de curso), 2014.

OBSERVATÓRIO do PNE. 9 - Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos. Sítio. Disponível em: . Acesso em: 10 de novembro de 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP. Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 2001.

SILVA, J. M. P. A.; VILLELA, Ana Maria Nápoles. O livro didático na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ferramenta para certificação ou para um processo de ensino e aprendizagem significativo. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, v. 1, p. 1-18, 2016.

VELOZO, R.; CORTEZÃO, W. Preconceito linguístico na escola. **IMPACT projects**, v. 2, n. 2, p. 39-48, 31 dez. 2023.

APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS – CMC
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

OBJETIVO DO ESTUDO: Investigar como a variação linguística é trabalhada na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos pelos professores de Língua Portuguesa.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma sequência didática desenvolvida em 8 aulas. O formulário que você responderá, as aulas que você participará e as atividades que você vai fazer, serão essenciais para a coleta e análise de dados.

REGISTRO: Todas as atividades serão registradas através de anotações escritas e, também, por meio das atividades respondidas por você, aluno (a).

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

CONFIDENCIALIDADE: Seu nome não aparecerá em nenhum formulário ou atividade. Nenhuma publicação partindo da intervenção revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada na Escola Municipal Jonas Gurgel, especificamente, com os alunos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Possui vínculo com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), sendo a aluna Andreilma Lúcio Medeiros a pesquisadora principal, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva. Os investigadores estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte no telefone 84 99842-2905 ou em um dos seguintes e-mails: andreilma.medeiros@alunos.ufersa.edu.br; Francisco.vieira@ufersa.edu.br.

Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura: _____

Data: _____

Endereço: _____

Telefone de contato: _____

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE 2: Formulário

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
GRADUANDA: ANDREILMA LÚCIO MEDEIROS
INTERVENÇÃO: ESCOLA MUNICIPAL JONAS GURGEL
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

**FORMULÁRIO SOBRE VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO PARA
INVESTIGAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

1. Qual a sua idade?

- a) Entre 15 e 24 anos.
- b) Entre 25 e 39 anos.
- c) Entre 40 e 54 anos.
- d) Entre 55 e 69 anos.
- e) Igual ou acima de 70 anos.

2. Qual o seu gênero?

- a) Masculino.
- b) Feminino.

3. Qual é o principal motivo pelo qual você estuda na EJA?

- a) ☐ Melhorar minhas oportunidades de trabalho;
- b) ☐ Concluir minha educação formal;
- c) ☐ Me desenvolver pessoalmente;
- d) ☐ Aprender novos conhecimentos.

4. Você sabe o que é variação linguística?

- a) Sim.
- b) Não.

5. Como você descreveria a forma como você fala comparada à forma como as pessoas falam em outros lugares do Brasil?

- a) ☐ Falo de maneira bastante diferente.
- b) ☐ Falo um pouco diferente.
- c) ☐ Falo de forma muito parecida.
- d) ☐ Não sei.

6. Você acredita que o uso de gírias e expressões regionais pode ser visto de forma negativa por outras pessoas?

- a) ☐ Sim, frequentemente.
- b) ☐ Às vezes.
- c) ☐ Nunca.
- d) ☐ Não sei.

7. Como você se sente em relação à sua própria forma de falar?

- a) ☐ Orgulhoso(a).
- b) ☐ Indiferente.
- c) ☐ Preocupado(a).
- d) ☐ Envergonhado(a).

8. Você já sentiu que alguém fez uma ideia preconceituosa sobre você por causa da forma como você fala?

- a) ☐ Sim, frequentemente.
- b) ☐ Sim, às vezes.
- c) ☐ Raramente.
- d) ☐ Nunca.

9. Você sabe o que é preconceito linguístico?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Nunca ouvi falar.

10. Você já riu ou corrigiu a forma de falar de alguém?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não lembro.

APÊNDICE 3: Atividade

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS – CMC
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

INTERVENÇÃO PARA A COLETA DE DADOS: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Após as exposições e discussões realizadas nos encontros, responda às questões abaixo:

1 – O que é variação linguística?

- a) São as diversas formas de falar uma língua.
b) É a forma de falar de acordo com a gramática normativa.
c) É o jeito certo de falar em relação à língua.
d) São as formas restritas de falar uma língua

2 – Observe a imagem abaixo retirada do Facebook e responda as perguntas a seguir:



- Que variedade linguística o personagem da imagem acima usou para se expressar: linguagem formal ou informal?
- Esse jeito como o personagem falou dá para o ouvinte/leitor compreender?
- Essa linguagem usada por ele é considerada “correta” ou “errada”? Por quê?

3 – Com relação ao texto retirado de um SMS, assinale a alternativa **correta:**

Vc viu como ele xegô em kza hj? Tôdu lascadu. blz!

- a) Não pode ser considerado um texto, visto que não cumpre sua função comunicativa.
- b) Por ter palavras abreviadas em excesso está totalmente contrariando as regras da gramática, logo não é um texto.
- c) Esse tipo de escrita é valorizado em qualquer meio de comunicação formal.
- d) Mesmo por se tratar de linguagem abreviada, cumpre sua função comunicativa, mas só deve ser utilizada em situações informais como internet, celular etc.

4 – Leia o texto abaixo:

NORDESTINO NÃO É RICO ELE É ESTRIBADO!
 NORDESTINO NÃO CORRE ... ELE DÁ UMAS CARREIRA!
 NORDESTINO NÃO RI ELE SE ABREI!
 NORDESTINO NÃO DÁ A VOLTA ELE ARRODEIA!
 NORDESTINO NÃO É ESPERTO ELE É DESENROLADO!
 NORDESTINO NÃO É SORTUDO ELE É CAGADO!
 NORDESTINO NÃO FAZ GOZAÇÃO ELE FRESCAI!
 NORDESTINO NÃO VAI EMBORA ELE PEGA O BECO!
 NORDESTINO NÃO OUVI BARULHO, ELE OUVI ZOADA!
 NORDESTINO NÃO ABRACA ELE ARROCHA!
 NORDESTINO NÃO É O BÔMZÃO ELE É ARRETADO!

Considerando-se a variedade linguística reproduzida no texto da questão anterior, é correto afirmar:

- O termo “estribado”, por exemplo, reflete formalidade, portanto pode ser usado em requerimentos, cartas oficiais, redações escolares.
- Todas as variantes nordestinas mostradas no quadro cumprem sua função comunicativa quando utilizadas nos contextos adequados.
- Todas as variantes nordestinas mostradas no quadro são consideradas erradas do ponto de vista gramatical.
- Esse quadro exemplifica o quanto a língua de uma nação é homogênea.
- As variantes nordestinas desfavorecem as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

5 – Qual das alternativas a seguir descreve melhor o preconceito linguístico?

- A crença de que todos os dialetos são igualmente válidos e devem ser tratados com o mesmo respeito.
- A ideia de que alguns dialetos ou formas de falar são mais corretos ou prestigiosos do que outros.
- A promoção da diversidade linguística e o incentivo ao uso de várias línguas.

6 – O preconceito linguístico pode afetar diversos aspectos da vida social e profissional das pessoas. Qual das alternativas abaixo exemplifica uma situação que ilustra o impacto negativo do preconceito linguístico?

- Uma empresa valoriza a diversidade linguística e oferece treinamentos para que seus funcionários se familiarizem com diferentes dialetos e formas de expressão.
- Um estudante é elogiado por seu sotaque ao apresentar um projeto em uma conferência acadêmica, pois sua maneira de falar é considerada encantadora e única.
- Um candidato a um emprego é rejeitado porque seu sotaque é considerado menos profissional ou menos competente, apesar de ter as qualificações necessárias para a vaga.
- Uma escola implementa atividades de ensino que celebram as variações linguísticas e ensina os alunos sobre a riqueza cultural de diferentes formas de linguagem.

REFERÊNCIAS:

Atividade de português – Variação linguística – 8º ao 1º Ens. Médio. Disponível em: <https://www.tudosaladeaula.com/2016/11/atividade-de-portugues-variacao.html>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.